

CURIOSIDADES DE MINAS GERAIS

Duílio BATTISTONI FILHO

Sumamente honrado em representar o estado de Minas Gerais, quero neste momento homenagear, em primeiro lugar, a sua bandeira já que neste dia estamos comemorando o seu dia nacional. A bandeira de Minas é composta de um retângulo branco tendo no meio um triângulo na cor vermelha viva onde aparece a frase em latim **Libertas quae sera tamen** (liberdade ainda que tardia), palavras do poeta romano Virgílio, tomadas como lema pelos chefes da Inconfidência Mineira, liderada pelo mineiro Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Minas tem sido, historicamente, um berço de inúmeras personalidades que se destacam nos diversos ramos do saber. Digna de observação é a grande quantidade de poetas dessa região brasileira, a ponto de alguém dizer que **nas cidades mineiras em cada esquina existe um bom poeta.**

Nesta minha fala sobre este grande estado vou apresentar certas curiosidades sobre algumas cidades mineiras, fugindo um pouco dos aspectos econômicos e políticos para não cansar a distinta platéia.

Começemos pela sua capital Belo Horizonte, uma cidade que se espalha aos pés da serra do Curral no final do século XIX, quando foi planejada para servir de capital no lugar de Ouro Preto. E assim foi crescendo mineiramente entre as montanhas. Quietinha, a tradicional família mineira foi aderindo à modernidade dos anos XX, com a doação ao Brasil do mais moderno poeta brasileiro: Carlos Drummond de Andrade. Convém, antes de tudo, neste rápido passeio por Belo Horizonte que pretendemos fazer, ir à lagoa da Pampulha, mandada fazer por um jovem prefeito, apelidado de **Pé de Valsa**, por seu amor à dança, e que entraria para a história do Brasil como o estadista Juscelino Kubitschek, Este, ao

criá-la mandou chamar três jovens desconhecidos, o arquiteto Oscar Niemeyer, o pintor Portinari e o paisagista Burle Marx.

Pedro Nava, no seu livro de memórias **Beira Mar**, traça um clima humano da cidade com suas ruas, becos e botecos. Fala de seus amigos, entre eles, Emílio Moura, Milton Campos, Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Alphonsus de Guimarães quando transitavam alegres a fagueiros pela rua da Bahia e se reuniam no Bar do Ponto onde iam saborear sua célebre empadinha e tomar alguns drinks. Havia um clima de camaradagem, um quê de moleque, nesses rapazes que carregavam nas cores e no caricatural. A amizade deles era uma lição de vida, a ponto de chamar a atenção de Mário de Andrade quando de sua passagem por Belo Horizonte, no final dos anos 20. Segundo testemunhas, a rua da Bahia perdeu o seu encanto e não é mais a mesma. Já não existe o Bar do Ponto, tal como era, saudado por Nava como **o centro da cidade, de Minas, do Brasil, do vasto mundo**. Vizinho da rua Bahia, fica o Parque Municipal, com o coreto de que fala o romance **O amanuense Belmiro**, de Cyro dos Anjos. Mais alguns passos e estamos no viaduto de Santa Tereza, onde os personagens de **O Encontro Marcado**, de Fernando Sabino, faziam estripulias alta madrugada. Quem gostar de pecado, pode ir a pé à rua Guaicurus, no coração da zona boêmia, e visitar o Maravilhoso Hotel, onde uma moça saída dos salões e das festas da tradicional família mineira, e que ficou famosa como Hilda Furacão, enfeitiçava os homens. Em Belo Horizonte persistem resquícios do espírito de grandeza do belohorizontino dos anos 60, que apresentava aos viajantes uma sapataria banal como **a maior da América Latina**, e o salão de barbeiro com dez cadeiras como **o maior do Brasil**. Os artistas e turistas quando visitavam essa cidade nunca deixam de passar pela Savassi, nome alusivo aos irmãos Hugo e José Savassi que tinham uma padaria nas vizinhanças do Palácio da Liberdade. Pois bem, hoje é um bairro onde se encontra o melhor da moda mineira - bolsas, calçados e roupas. Tomando um chope ou jantando, podemos ver a grande atração turística da cidade: a mulher mineira, de todas as idades, cheia de dengos e mistérios. Segundo o **IBGE** são cem mil a mais que os homens. Segundo pesquisas de uma importante instituição americana **a Population Crisis Committee**, de Washington, a capital mineira é uma das poucas cidades que apresenta uma boa qualidade de vida na América Latina. Entretanto, nem tudo são flores. Apesar de sua grande importância econômica a Metrópole Mineira possui os mesmos problemas de qualquer

centro urbano - trânsito caótico, camelôs ocupando calçadas, violência e problemas de favelas, além das terríveis enchentes durante o Verão.

Na história do ouro, avulta a antiga capital, Ouro Preto, quase toda feita de pau-a-pique e pedra-cantaria. Casarões geminados cercam ladeiras de paralelepípedos e pé-de-moleque. As fachadas simples das igrejas escondem verdadeiros tesouros: altares decorados com talhas douradas, colunas retorcidas, centenas de esculturas de anjos, guirlandas de flores, seres mitológicos, imagens de santos e pinturas de cenas bíblicas. No século XVIII, em Minas, o ciclo do ouro e o isolamento dos arraiais fizeram surgir o barroco brasileiro. Os mestres Aleijadinho e Athaíde encontraram soluções originais para decorar as igrejas. Ao dividir os fiéis em negros, pardos, brancos, pobres e ricos, as irmandades acabaram multiplicando as construções: cada ordem queria construir a igreja mais rica e bonita da cidade. E assim, pela rivalidade, o barroco mineiro foi sendo edificado.

Realmente as igrejas representam o lugar de mais intensa e motivada observação. Algumas se transformam em Museus, como a de São Francisco de Assis, possivelmente a mais bela de todas e a que guarda mais trabalhos de Aleijadinho. Entretanto, quero acentuar que além da beleza das igrejas e casas, chama-nos a atenção os seus belos chafarizes que em Minas seriam centros de reuniões mais amenas, com lavadeiras, escravos e aguadeiros bem como os homens que por ali faziam negócios de escambo enquanto os animais de sela matavam sua seda em tanques próprios. Esses chafarizes eram construídos pelo frontispício, ou seja, o paredão no qual se inserem os **tanques** ou **bacias** para recolhimento de água que sai das **bicas** de bronze ou **carrancas** de pedra. Muitos desses chafarizes foram erguidos na sua grande maioria durante o governo de Gomes Freire de Andrade. A título de curiosidade, poderíamos destacar o de Antônio Dias, também chamado Chafariz de Marília por estar nas proximidades da casa de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a infeliz Marília de Dirceu. Se os chafarizes se integravam na vida da cidade, também as pontes se constituíram em pontos de convivência urbana, pois não só permitiam a segura travessia de córregos e ribeirões como, dispondo de bancos em sua parte central, ofereciam aprazíveis locais para descanso e conversa.

As companhias de turismo anunciam nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo viagens de férias ou feriados à diferentes locais do País. Você pode ir a Foz do Iguaçu, além do espetáculo da natureza há o aproveitamento adicional de jogar nos cassinos e fazer compras do lado paraguaio. Poder ir à Amazônia com a promessa de índios e jacarés, à inesquecível Bahia para saborear os pratos típicos e a um rosário de festas. A Caldas Novas em Goiás se vai às **águas quentes**. A Campos do Jordão se vai ao **frio**, onde os melhores hotéis anunciam lareiras. Entretanto, em Ouro Preto há um sentimento geral de que o turista vai em uma espécie de **romaria cívica**.

O volante colorido das Turminas assim descreve a cidade: **Ouro Preto exige idas e vindas para se revelar intimamente. Mas é capaz de criar identificações imediatas e impressões inesquecíveis. Assim, caso você disponha de pouco tempo para percorrer suas ruas, onde velhos fantasmas, ávidos de ouro, continuam circulando pelas noites de neblina, cuidando dos tesouros nos quintais das casas centenárias, experimente guiar-se pelo roteiro que segue, não se esquecendo de programar logo outra visita com mais vagar... Depois é hora de visitar o Museu da Inconfidência, antigo Palácio da Câmara e Cadeia, com seu mobiliário colonial e lembranças de um passado que se fez História.**

Por ser uma cidade histórica e, por isso mesmo, de turismo, Ouro Preto precisa realizar-se em atrativos. Não basta que as pessoas rigorosamente cheguem ali para assistir a maneira como a arquitetura dos palácios, casas e igrejas preservou uma fatia importante de nossa História. É preciso que haja diversão, feiras, festas e que ocupem o lugar que separa os cultos religiosos populares do culto à História.

Com relação aos grandes festejos tradicionais, os da Semana Santa, em Ouro Preto, são o melhor exemplo. Para as autoridades eclesiásticas, os fiéis membros das irmandades e confrarias, a Semana Santa não é apenas um acontecimento religioso, ela é o mais importante momento cerimonial de um calendário litúrgico que de certo modo se divide em suas grandes partes: antes e depois da Páscoa.

É muito comum o turista aproveitar o feriado da Semana Santa para conhecer a cidade. Atraídos momentaneamente por esta ou aquela cerimônia religiosa mais visível, preferirão criar e viver seus próprios ritos que, indiferentes ao calendário, cabem tanto na Páscoa quanto nos intervalos dos festivais de julho.

De Jean de Lery a Saint-Hilaire duas coisas sempre espantaram a todos os viajantes não ibéricos que por algum tempo vieram conviver conosco a aventura no Brasil. Primeira: havia sempre festas, todo o tempo, por toda a parte e por todos os motivos. Segunda: ao contrário do que começou a ocorrer na Europa após a Reforma Protestante e a Contra-Reforma, as cerimônias da Igreja no Brasil eram desbragadamente festivas e misturavam tudo e todos, de uma maneira impensável na França ou América do Norte.

Antiguidade do tempo colonial, arte e artesanato do lugar, objetos de ouro e pedras preciosas de pequeno valor, eis o que há para ser vendido e comprado na cidade. Mário de Andrade, nos anos 20, quando visitou as cidades históricas mineiras ficou impressionado com a riqueza artesanal de Ouro Preto. Dizia o autor de Macunaíma **que através do artesanato o artista se põe em contato com o público**. Visitantes intelectualizados em boa medida procuram nas lojas e ruas **o verdadeiro artesanato de Ouro Preto**. Falam em cultura popular e cuidam de separar entre o que veem : um artesanato de massa de um outro, originalmente popular. Comprá-lo, por exemplo, **na mão do artesão e não em qualquer loja** pode ser um pequeno sinal de sabedoria.

Impossível ir embora de Ouro Preto, sem uma lembrança quando se é pobre, sem uma relíquia ou uma obra de arte, quando se é rico, sem algum objeto de cultura popular, quando se é intelectual sem muito dinheiro. Boa parte da cidade é um mercado do **tradicional** na manhã de domingo.

Uma cidade que cresceu e se enfeitou de ouro e prata no período da mineração foi a antiga vila de S. José do Rio das Mortes fundada em 1718. Somente em 1889, em homenagem a seu filho mais ilustre, o alferes Joaquim José da Silva Xavier é que passou a ser chamada de Tiradentes. Chama-nos a atenção a Matriz de Santo Antônio de Pádua, tida como a primeira igreja barroca do Brasil e uma das mais ricas: talhas douradas, balaustradas de jacarandá, pinturas de Manoel Vitor de Jesus, discípulo do mestre Athaide, arabescos no coro e na caixa do órgão alemão de 1788, recentemente restaurado, o primeiro da América do Sul. Em 1810, a fachada foi refeita pelo Aleijadinho. Quando o ouro acabou, a pequena vila colonial adormeceu entre as montanhas. E só despertou na década de 20, quando artistas modernistas, entre eles, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, se

encantaram com seu casario colonial. Todos se deliciaram do passeio da maria-fumaça para São João del Rei.

Nesta última cidade o que se cultua é a tradição. Data de 1774, a igreja de S. Francisco de Assis, cujo projeto, o medalhão do sacrário e um altar lateral são atribuídos ao Aleijadinho. O lustre de cristal foi presente de D. João VI. Nos fundos, o cemitério onde está o sepulcro de Tancredo Neves, presidente do Brasil que não chegou a tomar posse por causa de insidiosa doença. Quando os sinos de 35 igrejas badalam, só quem é da terra sabe por quem os sinos dobram. Se por quatro horas sem parar, o mais longo dos avisos, o papa morreu. Os horários das missas, das procissões e até óbitos se conhecem pela voz dos sinos. Se a morte é de uma criança, soa o repique dos anjos - três pancadas. Todos os sinos têm nome. Pelos postes da cidade colam-se jornais diários com as notícias de São João e do mundo.

Todo visitante que for a Diamantina, o antigo arraial do Tijuco não deve deixar de visitar três logradouros. O primeiro é o **caminho dos escravos** (BR-259, Km 584) de 20 quilômetros de blocos de pedra construído pelos escravos no século XVIII. É a única ligação de Diamantina com o norte do estado. O segundo é a casa onde nasceu o presidente Juscelino. Simples com um quarto bem acanhado, não comportando mais que a cama e uma minúscula mesa feita de caixote. Na cozinha, o velho fogão de lenha, as paredes de pedra-sabão e a receita de seu prato predileto, o **Xiangu** - frango com quiabo e angu de fubá. O violão, o cavaquinho e a flauta das serestas que recepcionavam Juscelino nas escadarias da catedral, quando ele visitava a cidade, também estão nesta casa-museu. Um anexo reconstituiu o consultório médico dele. No andar de baixo, o Bar do Nonô - homenagem ao boêmio pé-de-valsas que não recusava uma pinguinha com caldinho de feijão ao som de serestas. Em todo dia 12 de setembro, seu aniversário, podem ser ouvidas serestas como **Peixe Vivo e Luar do Sertão**. No resto do ano, seresteiros só nos barzinhos. O terceiro logradouro é a casa onde viveu Chica da Silva, escrava e mulata, a grande paixão do contratador português, João Fernandes Oliveira rico e poderoso como um príncipe. Chica foi morar com ele em seu palacete e se tornou a mulher mais influente do arraial: sua vontade era lei. Chegava de liteira a qualquer lugar, coberta de brilhantes, carregada por quatro escravos e acompanhada de 12 mucamas esplendidamente trajadas. Quem quisesse algum favor de João Fernandes tinha de passar pelo beija-mão da mulata. Seu palacete era

muito rico com 14 cômodos. As janelas têm treliças de madeira, costume árabe introduzido pelos portugueses para proteger as mulheres dos olhares curiosos. Uma capelinha chamada de Santa Quitéria foi construída especialmente para ela, pois sendo mulata, não era aceita pela Ordem Terceira do Carmo. Sua decadência ocorreu quando João Fernandes foi mandado para Portugal pelo Marquês de Pombal e proibido de voltar ao Brasil. Todos se lembram do filme **Chica da Silva** em que Zezé Mota fez o seu personagem. Uma festa tradicional de Diamantina é aquela realizada em louvor de Nossa Senhora do Rosário. A parte religiosa acontece na igreja do Rosário com levantamento do mastro, missa e procissão ao som das bandinhas. A parte profana celebra um dos folclores mais ricos da região com marujadas, catopês e caboclinhos, com músicas e danças ligadas à figura de Chico Rei, líder tribal trazido da África para ser escravo e que depois se liberta e à sua tribo. Diamantina, no dizer dos historiadores é rococó, fascina na forma, jovial no conteúdo. Não influi tragédias: canta. Não sugere queixumes; sorri brejeira.

Para terminar, podemos dizer que de Minas resta o imenso acervo do Barroco que, em suas múltiplas expressões cumpre bem conhecer para ainda melhor amar. E sempre na certeza de que, como escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade: **Minas continua, depois da última página.**